

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO

VITÓRIA RODRIGUES DE OLIVEIRA

PEDAGOGIA E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENEM:
análise de questões da área de linguagens, códigos e suas
tecnologias

SOROCABA - SP

2021

VITÓRIA RODRIGUES DE OLIVEIRA

PEDAGOGIA E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENEM: análise de questões da área de linguagens,
códigos e suas tecnologias

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como exigência parcial para
obtenção do grau de licenciada no curso
de Licenciatura Plena em Pedagogia, da
Universidade Federal de São Carlos,
campus Sorocaba.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Antônio Gatti

Sorocaba - SP

2021

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho para minha mãe que sempre me ensinou o valor do estudo e da escola.

AGRADECIMENTOS

À minha família, aos meus amigos (especialmente Ana e Tiffany que riram e choraram comigo nesses últimos cinco anos), aos colegas de estágio que todos os dias me ensinaram coisas que vou levar para vida profissional e pessoal para sempre, aos meus colegas de turma que apesar de tudo caminharam comigo esse tempo, à minha preceptora do Programa de Residência Pedagógica que me acalmou quando achei que iria estragar esse trabalho, aos meus professores da graduação que me ensinaram o que ser e o que não ser quando for professora e ao meu orientador que mesmo quando minha ideia ainda era abstrata até para mim, me guiou na construção deste trabalho.

Eu sei que teria chegado até aqui, mas vocês facilitaram meu caminho e proporcionaram que fosse mais divertido e menos sofrido em todos os aspectos.

RESUMO

Este trabalho teve o objetivo de analisar de maneira quali-quantitativa o caderno de linguagens, códigos e suas tecnologias presente no Exame Nacional do Ensino Médio entre os anos de 2014 até 2019 identificando e enfatizando quais e quantas eram as questões que discutem a variação linguística, apoiando-se especialmente na teoria de variação linguística de William Labov. Após alcançar o objetivo inicial proposto para essa pesquisa, desdobraram-se os específicos que buscavam definir qual era a variação abordada nas perguntas em questão, o que as caracteriza e quais eram os elementos que permitiram classificar cada questão como sendo determinado tipo de variação linguística. Além disso, a pesquisa também discute sucintamente os impactos e controvérsias que o ENEM possui, a fim de justificar as motivações que levaram à escolha dele como prova a ser examinada para o trabalho. Dentro dos limites da pesquisa, concluiu-se que em apenas dois anos que a quantidade de questões sobre o tema é expressiva, enquanto nos demais anos analisados o número de questões sobre o tema é estatisticamente mais baixo.

Palavras-chave: Variação Linguística. ENEM. Sociolinguística.

ABSTRACT

This work aimed to analyze qualitatively and quantitatively the booklet of languages, codes, and their technologies present in the National High School Exam (ENEM) between the years 2014 and 2019 identifying and emphasizing which and how many were the questions that discuss linguistic variation, relying especially on the theory of linguistic variation of William Labov. After reaching the initial objective proposed for this research, specific ones were unfolded that sought to define what was the variation addressed in the questions in question, what characterizes them, and what were the elements that allowed classifying each question as being a certain type of linguistic variation. In addition, the research also briefly discusses the impacts and controversies that ENEM has, to justify the motivations that led to the choice of it as the test to be examined for this work. Within the limits of the research, it was concluded that in only two years the number of questions on the theme is significant, while in the other years analyzed the number of questions on the theme is statistically lower.

Keywords: Linguistic Variation. ENEM. Sociolinguistic.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Relação entre competências e habilidades

Figura 2: Número de inscrições ENEM (2014-2019)

Figura 3: Número de questões sobre VG no ENEM (2014-2019)

Figura 4: Questão 102 - ENEM 2016

Figura 5: Questão 08 - ENEM 2017

Figura 6: Número de questões sobre VS no ENEM (2014-2019)

Figura 7: Questão 100 – ENEM 2014

Figura 8: Questão 121 – ENEM 2016

Figura 9: Número de questões sobre VSo no ENEM (2014-2019)

Figura 10: Questão 33 – ENEM 2017

Figura 11: Questão 110 – ENEM 2014

Figura 12: Número de questões sobre VH no ENEM (2014-2019)

Figura 13: Questão 16 – ENEM 2019

Figura 14: Questão 124 – ENEM 2015

Figura 15: Porcentagem de questões sobre variação linguística no ENEM (2014-2019)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	14
2.1. SOCIOLINGUÍSTICA	14
2.1.1. Teoria da Variação Linguística de Labov	18
3. EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO	22
4. ANÁLISE DAS QUESTÕES DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DO ENEM NA ÁREA DE LINGUAGENS, CÓDIGOS E SUAS TECNOLOGIAS	29
4.1. VARIAÇÃO GEOGRÁFICA	30
4.2. VARIAÇÃO SITUACIONAL	34
4.3. VARIAÇÃO SOCIAL.....	38
4.4. VARIAÇÃO HISTÓRICA.....	41
4.5. VARIAÇÃO AO LONGO DO ENEM	45
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48

1. INTRODUÇÃO

Ao longo de todo o meu tempo como aluna na escola de educação básica, a disciplina que mais me interessava e que eu tinha maior facilidade era a de português e até então, se eu optasse por uma licenciatura, escolheria letras. No último ano, contei para a minha professora de português no terceiro ano do ensino médio a minha opção de curso e ela me disse para não fazer; que se ela pudesse voltar na minha idade, não faria esse curso e nunca iria recomendar para algum aluno dela que fosse para qualquer licenciatura. E como nem que era da área há anos recomendava, na época do vestibular daquele ano eu já não tinha certeza para que curso deveria ir e acabei optando por jornalismo, que era dentro do que eu já tinha interesse ao longo de toda a minha vida na escola, mas fora da licenciatura. Então, no ENEM daquele ano eu fiquei sem jornalismo e sem licenciatura, porque tinha conseguido só pelo Prouni¹ (que não era nem minha segunda escolha), daí em diante, pesquisando mais a fundo sobre as licenciaturas, fui contra o que a minha professora me disse e escolhi pedagogia.

Depois de tudo isso, eu passei o primeiro ano fora da escola trabalhando com recreação com crianças entre 2 e 12 anos de idade, até que nesse lugar encontrei uma professora do ensino fundamental que apesar de eu não me lembrar dela, lembrava de mim. Ela contou que sempre ficava muito feliz em reencontrar os alunos; e ela falando sobre a profissão e os acontecidos ao longo dos anos na escola, me deu vontade de ir para a licenciatura de novo e antes de ela ir embora, disse que eu deveria tentar pedagogia e ver se gostava. E no terceiro ENEM (2 para valer e 1 como treineira), consegui a minha vaga.

No primeiro ano de curso, era tudo novidade e coisas muito específicas além dos traumas que os professores me proporcionaram, um deles em específico foi de uma das docentes me chamou e disse que eu não poderia ser professora, pois meu vocabulário era chulo demais, passei o primeiro ano de curso todo repensando o que ela havia me dito e questionando se de fato deveria ser professora, no ano seguinte, eu estava na universidade e ela não. Ela foi embora, mas o medo de falar feio perto dos outros ficou e me privou de muitas experiências que poderiam agregar tanto na minha vida pessoal quanto na acadêmica e no futuro profissional.

¹ Programa Universidade para Todos.

Depois desse infeliz ocorrido, nos anos seguintes os vários temas despertavam meu interesse para pesquisa, eu tentava ao máximo buscar sozinha para não correr o risco que de repente a maneira que eu fosse me expressar virasse chacota; contudo, nenhum dos temas me conquistavam tanto para poder ser um TCC e na metade do caminho de pesquisa eu via que aquilo não era tão interessante quanto achei que era lá no começo.

E em 2020, no período de ENPE² devido à pandemia de covid-19, ao longo da disciplina de alfabetização e letramento, é que os meus interesses e facilidades lá do ensino médio voltaram, e no decorrer das aulas, atividades propostas e as reflexões dos colegas é que eu achei mais ou menos sobre o que eu gostaria de estudar mais a fundo e realizar uma pesquisa, mas mesmo assim ainda era bem abstrato, porque tudo me interessava e me levava a querer fazer um Trabalho de Conclusão de Curso. Não conseguia delimitar minimamente uma temática. E isso se sucedeu até a última atividade da disciplina, em que o professor propôs a criação de uma narrativa que estivesse evidente a variação linguística, e para tal tínhamos um trecho do livro de Marcos Bagno, a Língua de Eulália, disponível para leitura. Após realizar a atividade, voltei a ler o livro de Bagno e através dele, vi na variação linguística o tema que eu poderia usar para construir um Trabalho de Conclusão de Curso.

Após a leitura do livro, comecei a pesquisar mais sobre o tema em artigos científicos e selecionar o que achava útil, mesmo sem saber exatamente no que iria fazer sobre a variação enquanto ainda tinha dificuldade para definir o objeto de pesquisa já que na realidade eu só queria escrever sobre isso enquanto tudo que eu achava interessante sobre a variação já havia sido escrito e tornando as minhas ideias de pesquisa nada de novo, até que li o relatório de iniciação científica Suricate Seboso: regionalismo discursivo e redes sociais on-line (SOBRINHO, COSTA e REIS, 2017) e ficou mais claro que eu poderia escolher algo que realmente gostasse pra analisar o tema e pensando nisso, usei o ENEM para a elaboração da pesquisa.

² Ensino Não Presencial Emergencial - Resoluções CoG N° 329 e 330, de 27 de julho de 2020, e 342 de 08 de dezembro de 2020, o Conselho de Graduação da UFSCar aprovou a abertura de calendário acadêmico para realização de novo período letivo para oferta de atividades regulares dos cursos presenciais de graduação da UFSCar exclusivamente por meios virtuais, estas normativas permitiram a realização dos períodos ENPE 1 e 2, de 31/08/2020 a 29/06/2021 (PROGRAD UFSCAR, 2020).

O intuito geral ao analisar o ENEM era de mapear e verificar questões de variação linguística, que posteriormente se desdobrou também em objetivos mais específicos, a saber: a) estabelecer qual o tipo de variação que mais e menos aparece no exame; b) compreender quais são as características e motivações de cada tipo de variação; c) identificar os elementos usados para evidenciar os tipos de variação linguística no decorrer das questões para a interpretação dos alunos. Dessa maneira, a construção do trabalho ocorria através de uma pesquisa bibliográfica quali-quantitativa.

Assim, o capítulo um é o referencial teórico utilizado ao longo de toda esta pesquisa. E que está subdividido em duas partes, sendo: primeiro a sociolinguística, que está definida como a ciência que investiga a língua em sua multiplicidade de falares e motivações e que se correlaciona com o meio em que o indivíduo está inserido, proporcionando assim que a fala não seja um ato exclusivamente de comunicação, mas também social. Em seguida está o tópico da teoria de variação linguística de Labov, que pressupõe que todos os elementos extras à língua vão definir como essa vai ocorrer, seja o sexo e gênero ou a faixa-etária além da localização geográfica e histórica. Em seguida está o ENEM, que brevemente expõe como a avaliação feita por ele é controversa-bem como seus próprios fins, embora seja inegável que é ele o maior e mais abrangente veículo para diversas formas de acesso ao ensino superior atualmente no Brasil.

No capítulo seguinte, são apresentados os resultados de pesquisa. Os tópicos de pesquisa foram divididos e organizados a partir do tipo da variação mais recorrente para a variação com menos recorrência ao longo desses seis anos analisados. Sendo, portanto, selecionadas duas questões de cada caderno de prova de linguagens e suas tecnologias, a fim que seja feita a interpretação de qual é o tipo de variação linguística que corresponde à questão abordada. Além disso, é nessa seção que é explicado também os tipos de variação linguística e suas características consideradas ao longo da pesquisa. Ademais, o tópico é finalizado com uma análise geral da variação presente entre 2014 e 2019 no ENEM.

Por último, estão as considerações finais proporcionadas ao longo das pesquisas e durante a análise dos dados, em que a partir dos resultados obtidos destaca-se qual a importância de discutir sobre variação linguística no ENEM e qual o papel da escola nessa relação e brevemente a problematização por trás dos interesses de uma língua padrão a língua considerada culta.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. SOCIOLINGUÍSTICA

A Sociolinguística como ciência é construída sobre as bases dos estudos da Linguagem (e suas teorias linguísticas), Sociologia (para as relações de teoria e metodologia) e Antropologia (com as contribuições etnográficas), o que a torna caracteristicamente interdisciplinar. Assim sendo, acaba estando evidente que ao contrário de outras correntes ou dos estudos da Linguagem, a Sociolinguística não está apenas empenhada em estudar os fenômenos de língua e linguagem em uma perspectiva que as codifica e decodifica enquanto as “reduz” a significante (matéria) e significado (conceito – sentido atribuído ao significante).

Logo, se torna, também, uma complementação à teoria de Ferdinand de Saussure (2006) que desconsidera a língua como heterogênea, por exemplo.

Dessa maneira, ao considerar as questões acima citadas e ponderar a respeito de uma visão interdisciplinar, a função da Sociolinguística situa-se em estudos que partem de uma língua e linguagem iguais para todos e que desconsidera outros aspectos que não o que seja o já sistematizado. Em outras palavras, a Sociolinguística “se sustenta em uma base lógica que preconiza a variação e a mudança, que são inerentes às línguas. [...] Um dos objetivos da sociolinguística é compreender os aspectos fundamentais que acarretam a variação das línguas.” (SILVEIRA, 2020, p. 11)

Portanto, os estudos sociolinguísticos precedem a variação linguística, já que ao se estabelecer como ciência que investiga os padrões e comportamentos linguísticos de uma comunidade de fala possibilita a realização de uma análise mais profunda acerca das manifestações e características das falas de determinado estilo adotado pelo falante para o uso da linguagem dependendo de qual contexto ele está inserido, por exemplo; e servirão de base para definir possíveis variáveis dentro das línguas que até então teriam apenas a norma padrão de modelo para ser seguido. Por conseguinte, é a partir desta teoria que pesquisas relacionadas à linguagem e à forma como a comunicação é estruturada e modificada a partir do contexto social, idade, momento histórico e demais variáveis, puderam ser formuladas enquanto esclareceu e reforçou a linguagem como uma manifestação social, cultural, política e, sendo assim, está passível de coercitividade.

Ademais, desconsiderando-a como apenas “descrições da língua como um sistema” (MONTEIRO, 2000, p. 9). Ou seja: a sociolinguística é a ciência que estuda a linguagem sem desconsiderar os indivíduos e nem o contexto em que estão inseridos; usando elementos extras à combinação sistemática da língua para entender quais são as motivações para os múltiplos falares e maneiras de os expressar através de uma abordagem que correlaciona elementos sociais, registros orais e a própria linguagem em si.

Nesse sentido, Cyranka faz a seguinte afirmação:

Somente a partir da criação da nova ciência sociolinguística, que trouxe para os estudos da fala essa contraparte **social e ideológica**, tornou-se possível compreender os fenômenos da variação e da mudança e suas repercussões nos julgamentos que membros de qualquer comunidade de fala costumam fazer sobre os usos linguísticos. (2015, p. 32)

Por isso, considera-se que esta ciência não questiona erros ou acertos dentro da norma padrão ou norma culta dos falares, mas quais são as motivações que os múltiplos falares possuem e acabam sendo estigmatizados como equivocados, feios ou errados perante as que foram declaradas como as únicas formas corretas e ideais de fazer uso da linguagem ao discutir e questionar as questões externas a ela e até então pouco problematizadas.

Retornando aos primeiros momentos dessa corrente, cabe ressaltar que ao contrário do que o senso comum aponta, o termo “Sociolinguística” foi criado por Haver C. Currie (1952) em seu trabalho intitulado *Projection of sociolinguistics: the relationship of speech to social status* acerca do registro da fala em uma perspectiva social e não por William Labov, que apesar de ser pioneiro nos estudos sobre variação, não foi o primeiro a cunhar tal terminologia. Entretanto, é um fato que o vocábulo somente se popularizou a partir de estudos John Gumperz (1982), William Labov (1972) e Dell Hymes (1971) quase uma década após Currie, no início dos anos 1960 nos Estados Unidos em que publicaram o que é entendido como os pressupostos da teoria Sociolinguística Laboviana que repensou para além de uma Sociolinguística que está inteiramente condicionada ao contexto da linguagem e passou a considerar a língua heterogênea e a inerência da aptidão do falante para compreender qualquer meio linguístico. (SILVA, p. 45, 2019).

Assim, partindo destes autores, surgem outras ramificações dentro desta subárea da linguística, para ilustrar: Linguística Antropológica em que se destaca, dentre outros autores, Gumperz (1922 - 2013), sociolinguista interacional, contribuiu e trouxe definições para campo

de pesquisa sendo os objetos de estudo: “parentesco, tabus linguísticos, relatividade linguística, globalização, nacionalismo, mercantilização da linguagem, ideologia, linguagem e economia política, dentre outros aspectos.” (SILVEIRA, 2020. p. 15) Em outras palavras, é através dessa ramificação que os estudos acerca da estrutura do discurso dos indivíduos e como ambiente em que estes estão inseridos vai influenciar a linguagem, gerando problematizações que partem de como a linguagem molda a comunicação entre as sociedades.

Seguidamente, Hymes (1927 - 2009), linguista que contribuiu com materiais acerca do estudo comparativo e etnográfico, e, também, para a área de Análise do Discurso, em que o método de pesquisa é em bases qualitativas, semelhante à Linguística Antropológica. E, ainda de acordo com Silveira (2020, p. 8), nesse momento que o discurso e o texto escrito são analisados em suas especificidades e levando em consideração qual é o contexto em que o indivíduo que está produzindo esse material, uma vez que seu saber gramatical é, muitas vezes, diferente de seu saber sociolinguístico e o que está buscando é se comunicar e ser fazer comunicável e ele (o indivíduo) irá fazer uso de suas competências comunicativas para tanto.

Por fim, William Labov é um linguista estadunidense e considerado o pai da variação linguística, área que discute, entre outras questões, a *langue/parole*, o paradoxo do observador, variável linguística, variável sociodemográfica, variável de contexto, variável estatística e variáveis socialmente condicionadas. (SILVEIRA, 2020. p. 13). Portanto, respectivamente, trata: a fala como um objeto individual e heterogêneo em que indivíduo irá empregar a língua na forma de se comunicar e a língua como ato social e homogênea e abstrata, em ambas se correlacionam; a observação do falante pelo observador, sem que este perceba que está sendo assistido e as variáveis que serão tratadas a fundo posteriormente. Esta é então a linha de pesquisa que vai a campo, faz registros e entrevistas, fórmula questionários e coleta amostras. Logo, essa área é a que pesquisa partir de campo histórico a linguagem e a comunicação, questiona os motivos e mudanças sociais que levam a alterações na forma que a comunicação ocorre.

Desse modo, o que Labov formula são críticas diretas às teorias gerativistas e estruturalistas de Noam Chomsky e Saussure, respectivamente. Uma vez que, enquanto o Gerativismo definiu a capacidade de se comunicar através da fala como inata ao ser humano e que, portanto, todos são capazes de tal, e o Estruturalismo sistematizou a comunicação como um conjunto de signos a serem codificados e decodificados e que estão resumidos em

significantes e significados, a Sociolinguística de Labov vai além ao questionar contextos, ideologias, momentos históricos e quaisquer outros fatores que não a língua como sistema e habilidade biológica de todos os seres humanos. Ela está mais do lado da fala (*parole*), isto é, das manifestações concretas, da língua em funcionamento. Ao mesmo tempo, com isso, pode-se contribuir com a explicação da língua (*langue*).

Ademais, Labov ainda aborda criticamente alguns outros aspectos que estão envoltos nessas teorias, a saber primeiramente sobre o Estruturalismo:

- (i) Como todos os falantes possuem um conhecimento da *langue* (que é a parte social da linguagem), é possível estudar o aspecto social da linguagem pela observação de um único indivíduo. No entanto, o estudo da *parole* (que é a parte individual da linguagem) só pode ser feito pela observação dos indivíduos interagindo linguisticamente, ou seja, pela observação da linguagem em seu contexto social;
- (ii) Os fatos linguísticos são explicados através de outros fatos linguísticos. Trata-se do princípio da imanência. Em outras palavras, tudo o que acontece na língua é motivado e explicado por meio da própria estrutura da língua, pela atuação de forças internas, sem influência de nenhuma força externa;
- (iii) A fala só opera sobre um estado de língua e as mudanças que ocorrem entre os estados não têm nesses nenhum lugar. O primeiro aspecto (estado de língua) constitui a realidade verdadeira e única. Os fatos evolutivos (diacrônicos) não são percebidos pela massa falante e não fazem parte do sistema da língua, que é estático. Portanto, há um emparelhamento: de um lado, sincronia e fato estático e, de outro, diacronia e fato evolutivo; ambos os lados são mutuamente incompatíveis. (COELHO et al. 2012, p. 20-21)

Logo, é evidente que suas críticas residem essencialmente no fato de que para Saussure a língua é observada na relação consigo mesma, desconsiderando quaisquer outros fatores que não a sua essencialidade comunicativa, em que ela não é questionada e, sim, é como é. Por isso, outros possíveis desvios que o falante pode apresentar ao estar se comunicando não são considerados, pois estão do lado da fala, não da língua e podem fugir da idealização pensada por ele, já que o exterior ao estabelecido não é analisado.

Continuamente, em relação ao Gerativismo, Coelho et al relatam as seguintes discordâncias:

- (i) O objeto da linguística é uma comunidade de fala abstrata, homogênea, composta por um falante-ouvinte ideal;
- (ii) Os dados linguísticos analisados correspondem às próprias intuições do linguista e/ou dos falantes sobre a linguagem. São eles que fazem julgamentos acerca da (a)gramaticalidade das sentenças, e esses dados intuitivos são usados na construção de teorias. (COELHO et al. 2012, p. 21)

Concordando com os autores, compreendemos a sociedade como algo heterogêneo, o que impossibilita uma língua homogênea por si só, e isso ainda torna complexa a ideia de falantes ou/e ouvintes ideais, haja vista, que o conjunto está se transformando diariamente simultaneamente à língua que não é estática no momento histórico em que se encontra. E ao criticar a homogeneidade da língua anteriormente estabelecida, que culminou na definição dos padrões para preconceitos linguísticos, dando margem para críticas quanto ao valor social da língua e os falantes dela.

Em outras palavras, retirando a linguagem de um campo da estrutura inata e a colocando dentro de um campo político, anulando sua neutralidade e, efetivamente, considerando o que ela realmente é: política, quando definindo seu objeto de estudo não somente a estrutura da língua e, sim, as evoluções em que a língua está submetida.

2.1.1. Teoria da Variação Linguística de Labov

A variação linguística compreende a língua em uma perspectiva em que sua função está para além de seu uso exclusivo voltado à transmissão de conhecimentos. Logo, considera elementos extras, a saber: a localização geográfica, sexo, época, classe social e outros. E, conforme definida por Costa e Silva (s/n), é um “conjunto específico de códigos e palavras diversas, usados por meios de regras e leis de combinação que, na verdade, é o que permite que a mensagem seja transmitida de maneira compreensível.” (p. 4).

A teoria da variação surgiu em 1960, a partir dos estudos dentro da Sociolinguística de Labov que pressupunha a ideia de que “os padrões linguísticos apresentados por uma comunidade de fala são fontes significativas para a análise científica das formas linguísticas que estão em concorrência ou em mudança.” (BOAVENTURA, 2015. p, 15). Então, contrariamente a outras teorias da Linguagem, o que essa vai enfatizar são os fatores que compõem a língua e não estão estruturados, o que, obviamente, não significa que considera as variações como algo que não tivesse regras; o que ocorre, na verdade, é a abertura de um leque para análise da comunicação e do próprio funcionamento da língua na sociedade.

Dessa forma, fundamentado na interdisciplinaridade de sua corrente e no pressuposto de que o “significado de Linguagem é [...] a capacidade existente no homem, pela qual ele comunica seus sentimentos e ideias; é uma capacidade inata de comunicar por meio da língua [...]” (COSTA e SILVA (s/n) p. 3), a problemática dentro dessa vertente da Sociolinguística se tornou a impossibilidade de uma língua homogênea em uma sociedade heterogênea tendo em vista que o papel da língua e linguagem já expostos.

Logo, as variações são inevitáveis. Dois grupos sociais oriundos do mesmo país, por exemplo, não vão se expressar da mesma forma, pois carregam bagagens diferentes, que podem incluir classe social, cultura, idade e diversas outras variáveis. Do mesmo modo, dois grupos de um mesmo bairro poderão não se comunicar de uma mesma maneira, mas terão mais semelhanças que se eles estivessem se comunicando com um grupo de outra cidade, o que vão prevalecer são as variáveis em comum para se comunicarem e isso irá gerar uma característica que irá diferenciar de outros grupos e outros locais. Seguindo para variações etárias: um jovem adulto não vai falar como um idoso, e através desse fato vai expressar outras formas linguísticas. Da mesma forma, importa a problemática do gênero: homens e mulheres têm seus próprios modos de falar, sendo possível verificar as diferenças ao se expressarem.

Tendo o supracitado, ao considerar nosso país e sua extensão territorial para fins de ilustração da teoria, é inevitável constatar a existência de ao menos um dos fatores essenciais para a existência de variantes na língua, uma vez que é sabido que somos um país miscigenado e cada região traz em sua maneira de usar a língua com base neste fator, como descrito por Coelho e Görski (2009):

devemos considerar, antes de mais nada, que o nosso não é um país monolíngue a despeito de oficial termos instituída a língua portuguesa como o idioma. O plurilinguismo é observado não só no sentido de diferentes idiomas (tupi-guarani, português, italiano, alemão etc.), mas também se manifesta no âmbito de uma mesma língua. (p. 74)

Ao passo que é evidente, também, que em todo o Brasil há uma questão fortíssima de desigualdade social. Em torno disso, considera-se como língua aceitável a erudita aquela falada pela elite. Trata-se, no entanto, basicamente de herança colonial, corroborando para que uma outra variante da língua e, também, para que posteriormente os preconceitos linguísticos, estejam em todos os ambientes e contextos, fazendo com que aqueles que não dominam esta variação de prestígio se tornem motivo de chacota socialmente.

Por conseguinte, esses fatores demonstram impossibilidade e a irrealidade da proposta de que dentro do português-brasileiro, ou quaisquer outras línguas, existe uma maneira certa ou errada de comunicação ou tampouco uma única característica para surgimento de uma variação ou possíveis variações. Sob o mesmo ponto de vista, Boaventura (2015) ainda ressalta que: “A realidade linguística brasileira é extremamente rica em diversidade. Marcada por vários fatores extralinguísticos, a língua portuguesa falada no Brasil possui características bastante peculiares, características essas que são objeto de estudo de muitos trabalhos e pesquisas acadêmicas.” (p. 12).

Assim, fica claro que as variações não vêm em demérito à língua e, sim, para a enriquecer. Nesse sentido, Alfaz Neto (2017, p. 8), afirma que às variações cabem ser: “consideradas como a língua em sua plenitude, não sendo tratadas de forma melhor ou pior que outra.” Em outras palavras, a variação realiza, sim, o papel que é essencial da língua de ser entendido e se fazer entender, sendo assim, é e deve ser equiparada como tal. Ou seja, ao disseminar ideias que proclamam a superioridade da norma culta e norma padrão – estas citadas pois são as que mais são ditas como “melhores” e mais “corretas”, o que ocorre é a imposição que envolve todo um contexto individual, social e político. Visto que, a língua não é neutra e sob ela reside todas as funções coercitivas que são ou podem vir a estar presentes na sociedade.

Contudo, cabe ressaltar que embora a língua em sua norma culta e padrão estejam carregadas de problemáticas históricas, para dizer o mínimo, ainda são tidas como variações dentro da Teoria de Variação Linguística. Nesse sentido, para Santos (2019): “os usos linguísticos estão ligados com o meio social, tanto que Lyons (1981) também enfatiza essa questão que é uma língua viva que está circulando no nosso meio e variando de acordo com o uso dos falantes.” (p. 23). Diante do exposto, é evidente que o papel da língua é se adaptar ao indivíduo que a está usando, mediante o meio que está inserido, e não o contrário.

Todavia, ao desconsiderar as multiplicidades dos falares, não se está apenas desconsiderando falas, e sim todo um perfil de cidadão. A forma com que o outro fala, também é vista como uma “seleção” do que é bom e que deve ser seguido e aquilo que pode ser feito de piada. Em que na realidade quem vai dizer o que é agradável e bonito para ser usado são aqueles que detém o poder, tornando por isso a norma culta tão prestigiada: é, normalmente, usada por pessoas com melhores condições financeiras; e conjuntamente o jeito como é definido a norma padrão: desconsiderando culturas e outras maneiras de expressão que não as daqueles que estão com as ditas condições. A variação que pode e deve ser aceita é, então, política e movida por seus interesses.

Portanto, a Teoria da Variação Linguística é essencialmente a ideia de ser impossível a existência de uma única língua padrão perante a diversidade DOS e NOS grupos sociais. Por isso, é: “condicionada de forma consistente dentro de cada grupo social e parte integrante da competência linguística dos seus membros, a variação, é, pois, inerente ao sistema da língua e ocorre em todos os níveis: fonético, fonológico, morfológico, sintático, etc.” (CUNHA E CINTRA, 2008, p. 3) Por exemplo, o fonológico quando o falante diz tchia (tia) ou então o morfológico com o come, sem o r final do infinitivo do verbo comer.

Ainda, cabe ressaltar que na Variação, além dela, existem as variáveis, variante, variedade. Assim, variação é a possibilidade de com outra palavra dizer o mesmo (você/tu); variável é o lugar da gramática que a variação está; variantes são as maneiras de dizer o mesmo; e variedade que é a maneira que a comunidade usa para falar.

Naturalmente, é evidente o importante papel que a variação tem socialmente, pois, é através dela que se perpetuam conhecimentos de gerações, surgem novas ideias, destacam-se culturas e saberes que de outra maneira, na configuração de sociedade em que vivemos, não teriam a chance de ser conhecida e muito menos reconhecidas como um fato importante e que contribuiu ricamente para a língua.

3. EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO

O Exame Nacional do Ensino Médio, conhecidamente abreviado para simplesmente ENEM, surgiu no final dos anos noventa, a partir de Portaria 438 de 1998 em um cenário “com a finalidade de avaliar o aluno ao fim da educação básica, buscando, assim, contribuir para a melhoria da qualidade nesse nível de escolaridade” (OLIVEIRA, 2016, p. 280). Esta maneira de avaliar acabou por suscitar diversas questões que perpassam a continuidade dos estudos, enquanto aluno em transição do ciclo dois do ensino fundamental para o médio quanto a transição do aluno de ensino médio para ingresso na graduação, como fica evidente no ENEM velho (1998-2008) assim, como já mencionado acima, possuía fim na avaliação da educação básica e, conseqüentemente, o aluno. E o novo ENEM (2009- atualmente) que se tornou o principal concorrente dos vestibulares tradicionais e meio de ingressar no ensino superior. Logo, pode e é compreendido este tópico em dois momentos: o primeiro é o ENEM de 1998 a 2008 e o segundo como o ENEM novo, adaptação da versão de 1998.

Não só como exposto, o ENEM é claramente um veículo de políticas de múltiplas faces e controvérsias. Nesse sentido, discutido por trabalhos que demonstram como o velho Exame (1998) era inicialmente um veículo para que políticas públicas pudessem ser aplicadas e para que os alunos que saíam do Ensino Fundamental (EF) pudessem dar continuidade aos estudos de maneira que não tivessem apenas a formação básica do ciclo dois do EF e então fossem inseridos no mercado de trabalho através do ensino profissionalizante. Em vista disso, CASTRO e TIEZZI (2004) corroboram: “o ensino médio passa a integrar o processo que a nação considera básico para o exercício da cidadania, para o acesso às atividades produtivas, inclusive para o prosseguimento dos estudos em prol do desenvolvimento pessoal.” (p. 117) Dessa forma, é plausível interpretação que assume que a prova ganhou força e impacto quando o Ensino Médio (EM) passou a ser uma parte importante, também, dentro do ciclo escolar e que poderia ser um veículo importante para que soubéssemos o que os alunos estavam aprendendo, ou não, nas escolas; pois para além do conteúdo, esta última fase do ensino preocupava-se com um aprendizado integral e conectado com a realidade afim de formar um cidadão consciente, como apontaram os autores.

Portanto, o ENEM surge em decorrência da expansão não somente do propósito do EM (de profissionalizante a uma formação cidadã integral), mas também devido a uma expansão do próprio sistema de ensino uma vez que ao definir e universalizar o acesso ao Ensino

Fundamental no ciclo escolar, todo um sistema em cascata que abarca o EM é reestabelecido e novas configurações e perfil de alunos que frequentam a escola se modificam e ajustam para uma escola “menos noturna” (visto que os alunos passam a frequentar em horários diurnos) (CASTRO e TIEZZI, p. 116) Assim, o que acontece não é o rompimento súbito de um propósito de ensino (profissionalizante) para outro (integrador), e, sim, um caminho para que isso ocorra e é nesse caminho que surge a primeira versão do Exame Nacional do Ensino Médio.

Ademais, há também a outra faceta do ENEM em que alguns autores vão colocar como um termômetro de aferição para os níveis de conhecimentos e habilidades dos estudantes brasileiros, além de servir para compreender a escola e os profissionais da educação. Para entender essa perspectiva, é necessário que se saiba como é cobrado o conhecimento dentro dessa avaliação. Os conteúdos são pensados e divididos em “habilidades” e “competências”, em que:

Competências são as modalidades estruturais da inteligência, ou melhor, ações e operações que utilizamos para estabelecer relações com e entre objetos, situações, fenômenos e pessoas que desejamos conhecer. As habilidades decorrem das competências adquiridas e referem-se ao plano imediato do ‘saber fazer’. Por meio das ações e operações, as habilidades aperfeiçoam-se e articulam-se, possibilitando nova reorganização das competências (INEP, 1999, p. 7).

Isto é, em pormenores, as habilidades (H) são o que o aluno conseguiu construir ao longo de sua jornada escolar que o vai auxiliar, nesse contexto, a realizar a prova, resgatando e aplicando o aprendizado no dado momento, essas são selecionadas de acordo com ANDRADE (2012):

H.1- Dada a descrição discursiva ou por ilustração de um experimento ou fenômeno, de natureza científica, tecnológica ou social, identificar variáveis relevantes e selecionar os instrumentos necessários para realização ou interpretação dele.

H.2 - Em um gráfico cartesiano de variável socioeconômica ou técnico-científica, identificar e analisar valores das variáveis, intervalos de crescimento ou decréscimo e taxas de variação.

H.3 - Dada uma distribuição estatística de variável social, econômica, física, química ou biológica, traduzir e interpretar as informações disponíveis, ou reorganizá-las, objetivando interpolações ou extrapolações.

H.4 - Dada uma situação-problema, apresentada em uma linguagem de determinada área de conhecimento, relacioná-la com sua formulação em outras linguagens ou vice-versa.

H.5 - A partir da leitura de textos literários consagrados e de informações sobre concepções artísticas, estabelecer relações entre eles e seu contexto

histórico, social, político ou cultural inferindo as escolhas dos temas, gêneros discursivos e recursos expressivos dos autores.

H.6 - Com base em um texto, analisar as funções da linguagem, identificar marcas de variantes linguísticas de natureza sociocultural, regional, de registro ou de estilo, e explorar as relações entre as linguagens coloquial e formal.

H.11 - Diante da diversidade da vida, analisar, do ponto de vista biológico, físico ou químico, padrões comuns nas estruturas e nos processos que garantem a continuidade e a evolução dos seres vivos.

H.12 - Analisar fatores socioeconômicos e ambientais associados ao desenvolvimento, às condições de vida e saúde de populações humanas, por meio da interpretação de diferentes indicadores.

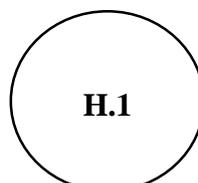
H.13 - Compreender o caráter sistêmico do planeta e reconhecer a importância da biodiversidade para preservação da vida relacionando condições do meio e intervenção humana.

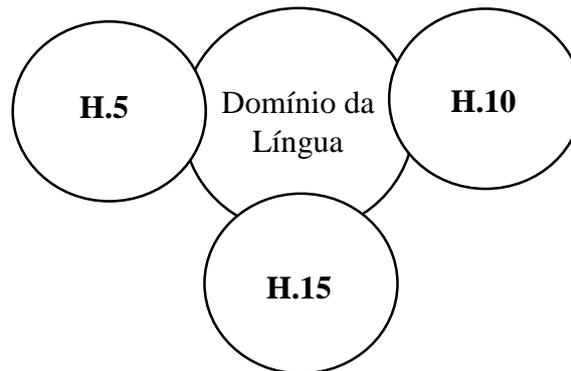
H.14 - Diante da diversidade de formas geométricas planas e espaciais, presentes na natureza ou imaginadas, caracterizá-las por meio de propriedades, relacionar seus elementos, calcular comprimentos, áreas ou volumes, e utilizar o conhecimento geométrico para leitura, compreensão e ação sobre a realidade.

H.18 - Valorizar a diversidade dos patrimônios etnoculturais e artísticos, identificando-a em suas manifestações e representações em diferentes sociedades, épocas e lugares.

Em conjunto das habilidades estão as competências que são definidas como domínio da língua (DL), compreensão de fenômenos (CF), elaboração de propostas (EP), situações problemas (SP) e construção de argumentação (CA) (ANDRADE, 2012, p. 75) em que cada uma delas se articulam entre si e com as habilidades, de maneira que uma única competência pode exigir diversas habilidades. Porém, cabe enfatizar, que a falta de facilidade para resolver uma questão que traz uma competência específica não significa que o aluno não tenha as habilidades necessárias para a interpretação do que está sendo proposto, então, demonstrando que o Exame é falho quando propõe a forma de avaliação. Logo, visualmente o conceito apresentado nas relações entre habilidades e competências quando é feita a “conexão” entre ambos pode ser:

Figura 1: Relação entre competências e habilidades





Fonte: adaptado pela autora a partir do texto: metodologia do ENEM: uma reflexão.

E quando o aluno não faz essa relação que a avaliação pré-define como fundamental para que ele esteja apto a seguir os estudos e para o ensino superior, é que ocorre a “desconexão” das habilidades com a competência requisitada no momento de realização da prova.

Ou seja, a partir desta concepção é que o Exame vai definir se um aluno está apto ou não a dar continuidade aos estudos e, também, como estão os níveis de ensino em todas as escolas brasileiras. Assim, cabe uma crítica que se fomenta na redundância da avaliação, já que se não há uma única maneira de aprender ou um único saber, não faz sentido que o exame cobre uma estrutura de inteligência tão concisa e o que acaba ocorrendo, então, é troca de um modelo de vestibular por outro modelo, um pouco mais flexível, por sua característica interdisciplinar, mas que na prática exige de maneira tão conteudista ao contextualizar. Ratificando essa perspectiva, OLIVEIRA (2016) afirma:

dado o desnível entre as escolas brasileiras, formular e executar políticas públicas específicas para que seja aferido o desempenho discente durante os anos da formação escolar é tarefa assaz dificultosa. Não obstante, o ENEM, por seu caráter abrangente, capaz de abarcar e avaliar alunos de escolas particulares e públicas, federais, estaduais ou municipais, fornece subsídios de valor à tessitura de políticas voltadas para a educação de nível médio. (p. 282)

Contudo, há autores que vão afirmar que ele “tem revolucionado, para melhor, a educação básica brasileira, em especial no ensino médio. [...] propõe uma avaliação mais de acordo com as metas internacionais de qualidade, voltadas para o desenvolvimento de competências do sujeito que proporcionem sua autonomia e interação com outros sujeitos.” (ANDRADE, 2012, 75). Sistemáticamente, é uma maneira de avaliar bastante promissora e objeto de discussão intrigante, mas que no quesito resultados buscados para e pelo aluno não possui grandes diferenças das avaliações tradicionais que já conhecemos. Isso fica evidente quando o próprio Instituto Nacional de Pesquisas e Educacionais Anísio Teixeira define as

competências e habilidades dando a entender que, como já exposto de maneira esquematizada acima, a desconexão entre habilidade e competência é o que gera a inaptidão para prosseguimento nos estudos. Logo, ao estabelecer tais critérios avaliativos, essencialmente, cria e reforça estigmas que definem e dividem os alunos entre os que possuem e os que não possuem as competências requisitadas. Assim, o vestibular gradualmente começa a cair em desuso e o Exame (por suas características interdisciplinares e contextualizadas) ganha força para as admissões, especialmente nas redes públicas estaduais e federais de ensino superior. E posteriormente, em decorrência das políticas públicas e de programas governamentais, desenvolvem-se as concessões de bolsas para o ensino superior nas redes privadas com números variando de 10% a 100%, para as bolsas em que é obrigatório para ambos (ingresso na rede pública ou privada) que o estudante não tenha zerado na redação e possua a média geral de 450 pontos.

Nesse sentido, a estrutura da prova reforça o caráter exaustivo e conteudista embasado nas habilidades e competências que compõem as 180 questões que estão separadas entre as áreas de Linguagens e Códigos e suas Tecnologias, Ciências Humanas e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias, Matemática e suas Tecnologias. Além dessas grandes áreas, há também uma redação de cunho dissertativo-argumentativo que conta com os textos apoiadores e motivadores em que o tema é divulgado apenas quando os estudantes estão realizando a avaliação. Atualmente, a prova é realizada, em dois dias, sendo que no primeiro são aplicadas as avaliações de ciências humanas e linguagens e a redação, com 5h30, e no segundo as de ciências da natureza e matemática, com 5h de duração

Todavia, apesar das críticas na relação estabelecida à maneira como é feita a avaliação, cabe retomar a perspectiva que aborda o fato de que para cada uma dessas grandes áreas do ENEM, são cobradas habilidades e competências, que segundo o edital do Exame, os alunos do EM deverão possuir, e que os vão avaliar caracteristicamente de uma maneira que o que está sendo cobrado no conteúdo é além do que os vestibulares estavam concentrados: que é o saber fazer escolar.

Portanto, o Exame, em contrapartida a este pressuposto, exige que o aluno traga seus conhecimentos de mundo e de vida ao interpretar as questões que nele contêm, enquanto os conteúdos cobrados de uma área de conhecimento não fica restrita nela e, sim, expande-se para as demais, proporcionando assim uma reflexão interdisciplinar; o que (talvez) seja uma das maiores dificuldades do Exame, visto que: as questões dessa prova são longas e articuladas com todo o conhecimento e bagagem do indivíduo em sua vida escolar, o tempo e quantidade de

questões e fatores emocionais, acabam gerando nos alunos uma maior dificuldade na interpretação e assimilação do que está sendo proposto naquele momento.

Cabe reconhecer, em virtude de todas as ideias mencionadas, a irrevogável importância e complexidade do Exame Nacional do Ensino Médio, mesmo que a partir de seus diversos aspectos contraditórios e questionáveis, pois é a partir deles que se pode pensar uma educação crítica para todos e a construção do acesso ao ensino superior de maneira menos problemática e excludente, além de uma avaliação da qualidade de ensino e escolas, tendo em vista que os números de inscrição são sempre altos (como é possível constatar na tabela abaixo) e podem servir para problematizar todos estes aspectos citados.

Figura 2: Número de inscrições ENEM (2014-2019)

	NÚMERO DE INSCRIÇÕES
2014	9.519.827
2015	7.746.057
2016	9.276.328
2017	7.603.290
2018	6.774.891
2019	5.095.308

Fonte: elaborado pela autora.³

Por isso, apesar do declínio exposto na tabela no número de inscrições realizadas para a prova entre os anos de 2014 a 2019, a fundamentação da escolha para avaliação da variação linguística (VL) dentro do ENEM está em tentativa de adquirir uma visão sistematizada acerca de quais são os tipos de VL que compõem o exame enquanto considera a finalidade de tal avaliação de ensino como o principal meio de ingresso na universidade e a importância que ela tem atualmente no âmbito educacional, uma vez que é ele um dos principais meios de avaliar e que abrange especialmente adolescentes e jovens prestes a estarem no ensino superior e que, além dos profissionais do futuro, também serão cidadãos que poderão ou não serem os que darão continuidade a pré-conceitos, preconceitos e estigmas de falares ou então desconstruir o

³ Busquei as reportagens individuais que tratavam sobre a quantidade dos inscritos anualmente ENEM no *site* do G1. Após a coleta desses dados, coloquei as informações obtidas na tabela.

mito da língua única. E é necessário muito mais que saber números de acertos e erros dentro das questões que envolvam a temática ao longo da prova; e sim, saber quais são os tipos que são tratadas, a fim de que em bases interdisciplinares e contextualizadas, como propõe o ENEM, a variação linguística esteja valorizada tanto quanto os conteúdos de matemática, por exemplo, pois é ela que está, também, contando e construindo história e fatos fundamentais para a nossa sociedade, cultura e desenvolvimento.

4. ANÁLISE DAS QUESTÕES DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Os cadernos de provas do ENEM todos os anos possuem as cores azul, amarelo, branco e cinza, cujo conteúdo é o mesmo em todos eles. Entretanto, a ordem das perguntas apresentadas neles podem ser alteradas, por exemplo: a questão n.º 15 no caderno azul pode ser a questão n.º 18 no caderno cinza; o conteúdo é o mesmo, mas ordem é aleatória. Sendo assim, ao longo desta pesquisa foi escolhido e analisado apenas o caderno amarelo do ENEM, proporcionando assim que o leitor que queira verificar mais a fundo as questões aqui abordadas, as encontre com menos dificuldade e de maneira mais objetiva.

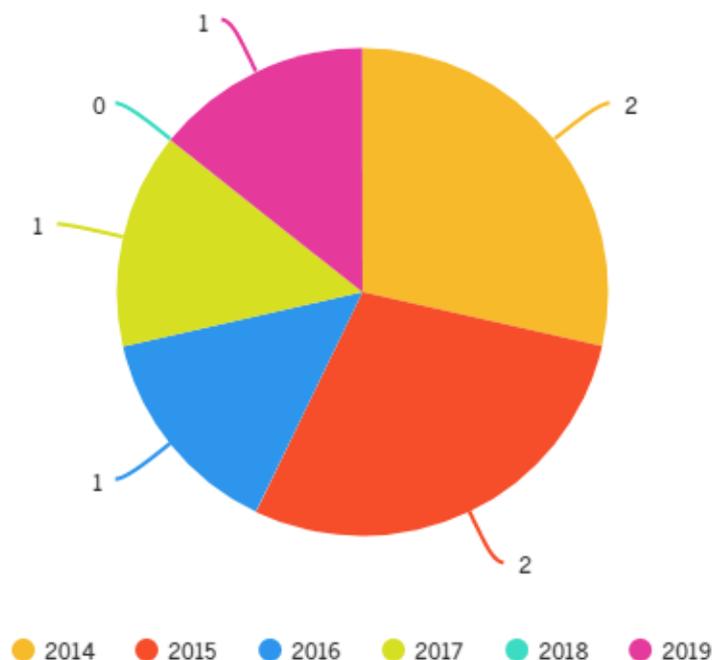
Além disso, o modelo de ENEM atual existe desde 2008, mas para esse trabalho foi feita uma análise do ENEM a partir de 2014 até 2019, totalizando, então, seis anos de provas avaliadas, com o intuito de que fosse possível observar as constâncias e instabilidades, como: as especificidades dos tipos de variação linguística, a predominância de um modelo sobre o outro e a quantidade de questões anualmente. No mais, a pesquisa apenas considerou as questões de língua portuguesa presentes nos cadernos, desconsiderando possíveis abordagens da variação linguística que pudessem estar presentes nas perguntas de língua estrangeira, que podem ser inglês ou espanhol (a depender do aluno que realiza a prova) e são obrigatórias.

Sendo assim, foram somente consideradas quarenta questões no caderno de linguagens e códigos, totalizando ao duzentas e quarentena perguntas estudadas e que correspondem ao ENEM de 2014 a 2019.

4.1. VARIAÇÃO GEOGRÁFICA

Relacionada com o local em que indivíduo está inserido a variação geográfica/diatópica ocorre em diferentes estados, cidades ou regiões e é a mais recorrente ao longo da prova, justificadamente relacionada à extensão territorial do país. Tendo isto em vista, é na característica de meio para seleção programas de acesso às universidades públicas e bolsas nas redes privadas de todo o território nacional, que o Exame traz, entre todas as duzentas e quarenta questões analisadas, esse tipo de variação constantemente e representando 43,7% das perguntas abordadas no ENEM, sendo, o modelo de variação mais predominante ao longo dos anos analisados na prova. Além disso, os anos de 2014 e 2015 são os que possuem maior quantidade de questões abarcando o tema, enquanto que em 2018 não há nenhuma que discuta especificadamente a variação geográfica (VG), como pode ser notado no gráfico abaixo representando o número de questões de variação diatópica apresentadas entre os anos de 2014 a 2019:

Figura 3: Número de questões sobre VG no ENEM (2014-2019)



Fonte: elaborado pela autora.

Segundo a Matriz de Referência do ENEM, ao tratar dos conteúdos de variação linguística, espera-se que o aluno possa fazer:

uso dos recursos linguísticos em relação ao contexto em que o texto é constituído: elementos de referência pessoal, temporal, espacial, registro linguístico, grau de formalidade, seleção lexical, tempos e modos verbais; uso dos recursos linguísticos em processo de coesão textual: elementos de articulação das sequências dos textos ou à construção da micro estrutura do texto. (p. 15, s/n)

E ainda, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular, “discutir, no fenômeno da variação linguística, variedades prestigiadas e estigmatizadas e o preconceito linguístico que as cerca, questionando suas bases de maneira crítica” (BNCC, p. 83, 2018). Em outras palavras, é esperado que os alunos possam estabelecer e recriar relações entre a oralidade e a escrita que considere desde a entonação do falante até a relação lógica na distribuição das palavras na construção de frases, considerando o número de palavras e sons disponíveis para tanto em determinado idioma, sem que para isso ele (o aluno) compreenda erroneamente a língua como monolíngue.

Dito isso, uma das principais características que provam a inexistência de uma única língua é a variação geográfica (ora também chamada de diatópica), destacando-se por ser uma variação facilmente notada entre os falantes de regiões diferentes. Está presente nos campos (1) lexical, (2) fonético e (3) morfológico e (4) sintático, por exemplo: (1) biscoito > bolacha; (2) bixcoito > biscoito; (3) anda > andar. (4) Estava a brincar (pt PT) > estava brincando (pt- BR) (COELHO e GÖRSKI, 2009. p. 76) Isto é, é uma variação presente em todos os níveis da escrita e oralidade que caracterizam uma maneira de expressão.

Figura 4: Questão 102 - ENEM 2016

QUESTÃO 102

PINHÃO *sai ao mesmo tempo que BENONA entra.*

BENONA: Eurico, Eudoro Vicente está lá fora e quer falar com você.

EURICÃO: Benona, minha irmã, eu sei que ele está lá fora, mas não quero falar com ele.

BENONA: Mas Eurico, nós lhe devemos certas atenções.

EURICÃO: Você, que foi noiva dele. Eu, não!

BENONA: Isso são coisas passadas.

EURICÃO: Passadas para você, mas o prejuízo foi meu. Esperava que Eudoro, com todo aquele dinheiro, se tornasse meu cunhado. Era uma boca a menos e um patrimônio a mais. E o peste me traiu. Agora, parece que ouviu dizer que eu tenho um tesouro. E vem louco atrás dele, sedento, atacado de verdadeira hidrofobia. Vive farejando ouro, como um cachorro da molest'a, como um urubu, atrás do sangue dos outros. Mas ele está enganado. Santo Antônio há de proteger minha pobreza e minha devoção.

SUASSUNA, A. O santo e a porca. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013 (fragmento).

Nesse texto teatral, o emprego das expressões “o peste” e “cachorro da molest'a” contribui para

- A marcar a classe social das personagens.
- B caracterizar usos linguísticos de uma região.
- C enfatizar a relação familiar entre as personagens.
- D sinalizar a influência do gênero nas escolhas vocabulares.
- E demonstrar o tom autoritário da fala de uma das personagens.

Fonte: ENEM 2016, caderno amarelo, questão 102, p. 7.

Logo, em uma questão como a n.º 102 (caderno amarelo) no ENEM de 2016 é esperado que o aluno possa estabelecer uma relação lexical entre o significado de (a) “peste” e (b) “cachorro de molest'a” compreendendo, assim, que essas são expressões típicas e regionais, mais especificadamente do nordeste do Brasil, usadas para (a) neste contexto, uma ofensa e (b) se referir a um indivíduo com mau comportamento.

O que é esperado nessa questão é que o aluno também irá exercitar a habilidade de “(EF69LP55) **Reconhecer as variedades da língua falada**, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico” (Brasil, 2018. p. 161) pois, uma das alternativas à questão pressupõe que o falar dos personagens está relacionado de maneira estigmatizada à classe social que estão inseridos, desconsiderando, portanto, a diversidade semântica.

Já na questão n°. 08 do caderno amarelo no ano de 2017, o uso da variação geográfica está no léxico: uma palavra cuja grafia modificada faz referência de uma maneira afetiva a um local importante para a personagem, como é possível afirmar na questão abaixo com a resposta correta demarcada:

Figura 5: Questão 08 - ENEM 2017

QUESTÃO 08

Sítio Gerimum
 Este é o meu lugar [...]
 Meu Gerimum é com g
 Você pode ter estranhado
 Gerimum em abundância
 Aqui era plantado
 E com a letra g
 Meu lugar foi registrado.

OLIVEIRA, H. D. *Lingua Portuguesa*, n. 88, fev. 2013 (fragmento).

Nos versos de um menino de 12 anos, o emprego da palavra "Gerimum" grafada com a letra "g" tem por objetivo

- A valorizar usos informais caracterizadores da norma nacional.
- B confirmar o uso da norma-padrão em contexto da linguagem poética.
- C enfatizar um processo recorrente na transformação da língua portuguesa.
- D registrar a diversidade étnica e linguística presente no território brasileiro.
- E reafirmar discursivamente a forte relação do falante com seu lugar de origem.

Fonte: ENEM 2017, caderno amarelo, questão 08, p. 6.

Jerimum (ou abóbora, no léxico de outras variedades do português) tem no texto uma variação em sua grafia. De acordo com a ortografia oficial, correto é “jerimum”, com “J” e não “G”, como o eu-lírico do texto expõe. Contudo, com o significado semântico sendo o mesmo, como essa caracterização gráfica de abóbora, o texto é capaz de proporcionar que o leitor tenha uma maior compreensão do aspecto afetivo e singular que o eu-lírico deseja transparecer no texto. Por consequência, cabe ao aluno que está realizando a prova além de conseguir fazer uso de seus conhecimentos ortográficos e suas habilidades de interpretação de texto, resgatar seus aprendizados prévios quanto a variação diatópica para, então, entender quais são as intencionalidades e provocações dentro do texto abordadas e o direcionamento proposto no enunciado para responder à questão.

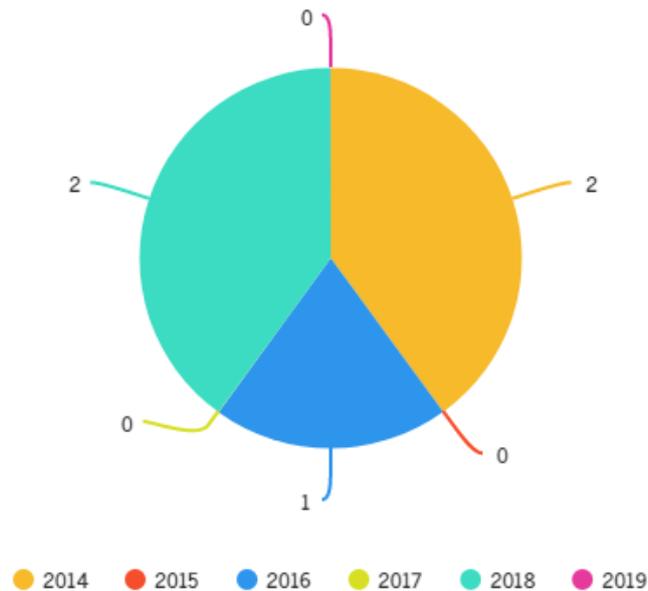
4.2. VARIAÇÃO SITUACIONAL

Tal qual a variação geográfica, a diafásica está também presente em todos os âmbitos sociais e é condicionada à situação que o falante está fazendo o uso da linguagem. Alguns exemplos simples são os linguajares do médico ou do acadêmico, cujos falantes, devido à situação em que estão inseridos, fazem uso da norma padrão e da norma culta; enquanto, em conversas em ambiente mais descontraídos, a maneira de se expressar tende a ser menos padronizada e sistematizada. Já um outro exemplo é o das interações em ambientes digitais, como aplicativo de mensagens e o *e-mail*. Em que maneira a de usar a língua está também adaptada à ferramenta que o indivíduo irá fazer uso ao longo da transmissão de suas ideias e a quem essas estão sendo direcionadas. Assim, teoricamente, em *e-mails* de trabalho a escrita é mais formal e rebuscada, enquanto em conversas casuais de *WhatsApp* é mais descontraída.

Em seguidamente no *ranking* de tipo de variação mais abordado ao longo dos anos analisados nesta pesquisa, está a variação situacional (VS), conhecida também como variação diafásica. Ela representa cerca de 31, 2% de toda a variação linguística que esteve presente no ENEM de 2014 a 2019 e, curiosamente, o maior número foi em 2014 e 2018, com duas questões que tratavam sobre esse tema. No entanto, em 2015, 2017 e 2019 não houve nenhuma questão abordando o tema, evidenciando, possivelmente a falta de intenção de que os alunos dominem as questões de variação situacional pois não são cobradas anualmente no ENEM.

Corroborando nas percepções quantitativas acerca da variação diafásica abaixo segue o gráfico ilustrando as afirmações sobre quantidade de questões de variação situacional no ENEM entre 2014 até 2019:

Figura 6: Número de questões sobre VS no ENEM (2014-2019)



Fonte: elaborado pela autora.

Partindo desses pressupostos, ao analisar a questão n°. 100 presente no caderno amarelo do ENEM 2014, o que é solicitado do aluno é que ele possa fazer uma leitura crítica a respeito da variação linguística, compreendendo que o papel da escola é, sim, ensinar e aplicar a norma padrão da língua, mas que a ela cabe, também, a função de reconhecer que essa não é a única forma de fazer uso da língua. Ou seja, seu papel está em estabelecer e reforçar que as maneiras de expressão são e estão justificadas no contexto do falante e que não deve partir de um movimento inverso, que seria: o falante ignorando seu contexto e partindo do que as variedades de prestígio já há muito estabeleceram.

Entretanto, para que o aluno possa realizar uma leitura nessa perspectiva em relação à questão, é importante que ele tenha tido acesso à língua ensinada na escola e às variações dela. Em outros termos: conseguir interpretar a questão e a responder, evidencia que o impacto da escola está além da problematização de: “não se deve mais corrigir?” e está mais em ter acesso a um conteúdo de língua multifacetada que pressuponha toda forma de expressão como válida em cada contexto e situação.

Figura 7: Questão 100 – ENEM 2014

QUESTÃO 100

Só há uma saída para a escola se ela quiser ser mais bem-sucedida: aceitar a mudança da língua como um fato. Isso deve significar que a escola deve aceitar qualquer forma da língua em suas atividades escritas? Não deve mais corrigir? Não!

Há outra dimensão a ser considerada: de fato, no mundo real da escrita, não existe apenas um português correto, que valeria para todas as ocasiões: o estilo dos contratos não é o mesmo do dos manuais de instrução; o dos juízes do Supremo não é o mesmo do dos cordelistas; o dos editoriais dos jornais não é o mesmo do dos cadernos de cultura dos mesmos jornais. Ou do de seus colonistas.

POSSENTI, S. Gramática na cabeça. Língua Portuguesa, ano 5, n. 67, maio 2011 (adaptado).

Sírio Possenti defende a tese de que não existe um único "português correto". Assim sendo, o domínio da língua portuguesa implica, entre outras coisas, saber

- A** descartar as marcas de informalidade do texto.
- B** reservar o emprego da norma padrão aos textos de circulação ampla.
- C** moldar a norma padrão do português pela linguagem do discurso jornalístico.
- D** adequar as formas da língua a diferentes tipos de texto e contexto.
- E** desprezar as formas da língua previstas pelas gramáticas e manuais divulgados pela escola.

Fonte: ENEM 2014, caderno amarelo, questão 100, p. 8.

Outra questão que discute a variação situacional no ENEM é a nº. 121 de 2016. De uma maneira simples, apresenta um jogo de palavras feito pela personagem, que em um diálogo divertido traz palavras pouco usadas em nosso cotidiano e que são mais comumente vistas em textos acadêmicos e livros, por exemplo. Ela ainda alega que “outrossim” é uma palavra de domingo, obviamente, não é, mas ali no texto é no domingo o contexto que cabe usar uma palavra tão pouco explorada no dia a dia. Nessa mesma linha, a outra personagem ainda pontua que para segundas-feiras cabe “ônus”, demonstrando assim que mesmo uma única palavra é uma variação diafásica; o que é situacional no texto de Verissimo são os dias da semana, mas facilmente poderia ser a relação entre as personagens, a casualidade ou formalidade do cenário etc. É uma das possibilidades para o reconhecimento desta questão como sendo de variação situacional é o exagero no uso das palavras rebuscadas. Ninguém fala assim no cotidiano, o que acaba tornando um diálogo como esse quando ouvido/lido engraçado por ser exagerado.

Figura 8: Questão 121 – ENEM 2016

QUESTÃO 121**De domingo**

- Outrossim...
 — O quê?
 — O que o quê?
 — O que você disse.
 — Outrossim?
 — É.
 — O que é que tem?
 — Nada. Só achei engraçado.
 — Não vejo a graça.
 — Você vai concordar que não é uma palavra de todos os dias.
 — Ah, não é. Aliás, eu só uso domingo.
 — Se bem que parece mais uma palavra de segunda-feira.
 — Não. Palavra de segunda-feira é "óbice".
 — "Ônus".
 — "Ônus" também. "Desiderato". "Resquício".
 — "Resquício" é de domingo.
 — Não, não. Segunda. No máximo terça.
 — Mas "outrossim", francamente...
 — Qual o problema?
 — Retira o "outrossim".
 — Não retiro. É uma ótima palavra. Aliás é uma palavra difícil de usar. Não é qualquer um que usa "outrossim".

VERISSIMO, L. F. Comédias da vida privada. Porto Alegre: L&PM, 1996 (fragmento).

No texto, há uma discussão sobre o uso de algumas palavras da língua portuguesa. Esse uso promove o(a)

- A** marcação temporal, evidenciada pela presença de palavras indicativas dos dias da semana.
B tom humorístico, ocasionado pela ocorrência de palavras empregadas em contextos formais.
C caracterização da identidade linguística dos interlocutores, percebida pela recorrência de palavras regionais.
D distanciamento entre os interlocutores, provocado pelo emprego de palavras com significados pouco conhecidos.
E inadequação vocabular, demonstrada pela seleção de palavras desconhecidas por parte de um dos interlocutores do diálogo.

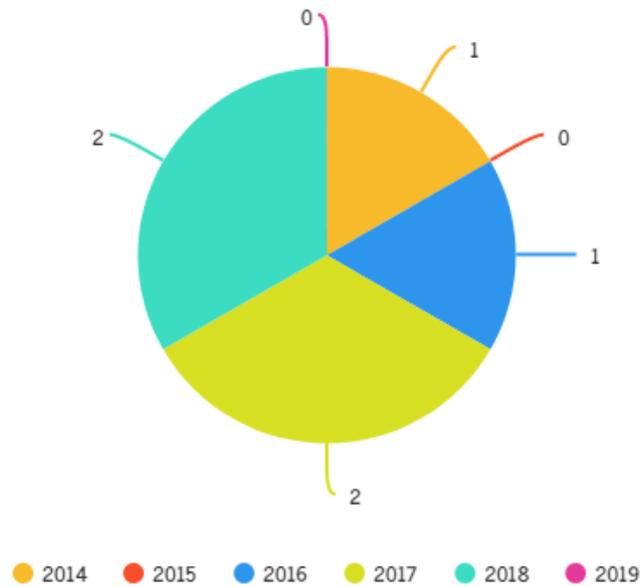
Fonte: ENEM 2016, caderno amarelo, questão 121, p. 13.

4.3. VARIAÇÃO SOCIAL

Em terceiro lugar nos tipos de variação que mais aparecem no ENEM entre 2014 e 2019, está a variação social (VSo) representando 25% das questões em torno de variação linguística presentes no ENEM, conhecida também como variação diastrática. É este o modelo de variação que vai tratar das modificações na língua motivadas por fatores como condição econômica e profissional dos falantes, além de ser, geralmente, este o tipo de variação alvo predileto do preconceito linguístico. E, infelizmente, a pesquisa constata que esse não é um tipo de variação que o ENEM tem interesse em tratar com afinco; nos últimos dois anos, 2018 e 2019, nenhuma das questões envolviam a variação social dentro da prova de linguagens, considerando o contexto discrepante social do país e a abrangência e impacto de uma avaliação como ENEM, esse é um tipo de variação que deveria estar em presente anualmente de maneira inquestionável.

Portanto, a ausência de questões que tratam sobre os impactos de níveis econômicos, sexo e gênero, faixa etária e profissão, pois é uma variação que surge a partir dos grupos sociais que o indivíduo está inserido e que vai se manifestar a partir das variáveis anteriormente citadas, é, também, um dos fatores que podem contribuir para a permanência de pré-conceitos, preconceitos e estigmatizações da língua não padrão e não-culta irrevogavelmente, pois, ignorar que o Exame poderia ser uma ferramenta na contribuição da desestigmatização de outras maneiras de expressão, é favorecer uma outra. Para atestar essa visão, o gráfico demonstra a variação social nos últimos seis anos no ENEM:

Figura 9: Número de questões sobre VSo no ENEM (2014-2019)



Fonte: elaborado pela autora.

Exemplificando o posicionamento defendido acima, acerca da legitimação de uma expressão da língua em detrimento de outra, está a questão nº. 33 apresentada no caderno amarelo do ano de 2017 do ENEM. Nos versos citados da canção é possível constatar a relação que o autor faz entre características físicas com o “falar bonito”, o falar padrão e culto. Associando, dessa maneira, beleza ao falar sem desvios e sem as possíveis coerções que mundo exterior pode exercer à expressão.

Figura 10: Questão 33 – ENEM 2017

QUESTÃO 33

Zé Araújo começou a cantar num tom triste, dizendo aos curiosos que começaram a chegar que uma mulher tinha se ajoelhado aos pés da santa cruz e jurado em nome de Jesus um grande amor, mas jurou e não cumpriu, fingiu e me enganou, pra mim você mentiu, pra Deus você pecou, o coração tem razões que a própria razão desconhece, faz promessas e juras, depois esquece.

O caboclo estava triste e inspirado. Depois dessa canção que arrepiou os cabelos da Neusa, emendou com uma valsa mais arretada ainda, cheia de palavras difíceis, mas bonita que só a gota serena. Era a história de uma boneca encantadora vista numa vitrine de cristal sobre o soberbo pedestal. Zé Araújo fechava os olhos e soltava a voz:

*Seus cabelos tinham a cor/ Do sol a irradiar/
Fulvos raios de amor./ Seus olhos eram circúvagos/
Do romantismo azul dos lagos/ Mãos lírias, uns
braços divinais./ Um corpo alvo sem par/ E os pés
muito pequenos./ Enfim eu vi nesta boneca/ Uma perfeita
Vênus.*

CASTRO, N. L. *As pejejas de Ojuara: o homem que desafiou o diabo*.
São Paulo: Arx, 2006 (adaptado).

O comentário do narrador do romance “[...] emendou com uma valsa mais arretada ainda, cheia de palavras difíceis, mas bonita que só a gota serena” relaciona-se ao fato de que essa valsa é representativa de uma variedade linguística

- A detentora de grande prestígio social.
- B específica da modalidade oral da língua.
- C previsível para o contexto social da narrativa.
- D constituída de construções sintáticas complexas.
- E valorizadora do conteúdo em detrimento da forma.

Fonte: ENEM 2017, caderno amarelo, questão 33, p. 14.

Já nesta outra questão, de nº. 110 presente no ENEM 2014 do caderno amarelo, as alterações lexicais discutidas no decorrer da questão poderão ser, também, interpretadas a partir de óticas que dão vida à variação social. Pois, ao longo de todo o texto o autor trata das questões lexicais sem a peculiaridade que envolve cada uma delas e que advém do falante, sendo assim, que estão dentro de esferas sociais e que podem ser modificadas de acordo com qual o nível de escolaridade, sexo e gênero, classe econômica, profissão e todo tipo de coerção social que vai refletir na maneira que a pessoa usa para se expressar. Contudo, o que é questionado de maneira explícita é como as modificações lexicais são e eram, embora não anule a interpretação cultural que a língua possui e que é evidenciada ao longo da variação social.

Figura 11: Questão 110 – ENEM 2014

QUESTAO 110

Em bom português

No Brasil, as palavras envelhecem e caem como folhas secas. Não é somente pela gíria que a gente é apanhada (aliás, já não se usa mais a primeira pessoa, tanto do singular como do plural: tudo é “a gente”). A própria linguagem corrente vai-se renovando e a cada dia uma parte do léxico cai em desuso.

Minha amiga Lila, que vive descobrindo essas coisas, chamou minha atenção para os que falam assim:

— Assisti a uma fita de cinema com um artista que representa muito bem.

Os que acharam natural essa frase, cuidado! Não saberão dizer que viram um filme com um ator que trabalha bem. E irão ao banho de mar em vez de ir à praia, vestido de roupa de banho em vez de biquíni, carregando guarda-sol em vez de barraca. Comprarão um automóvel em vez de comprar um carro, pegarão um defluxo em vez de um resfriado, vão andar no passeio em vez de passear na calçada. Viajarão de trem de ferro e apresentarão sua esposa ou sua senhora em vez de apresentar sua mulher.

A língua varia no tempo, no espaço e em diferentes classes socioculturais. O texto exemplifica essa característica da língua, evidenciando que

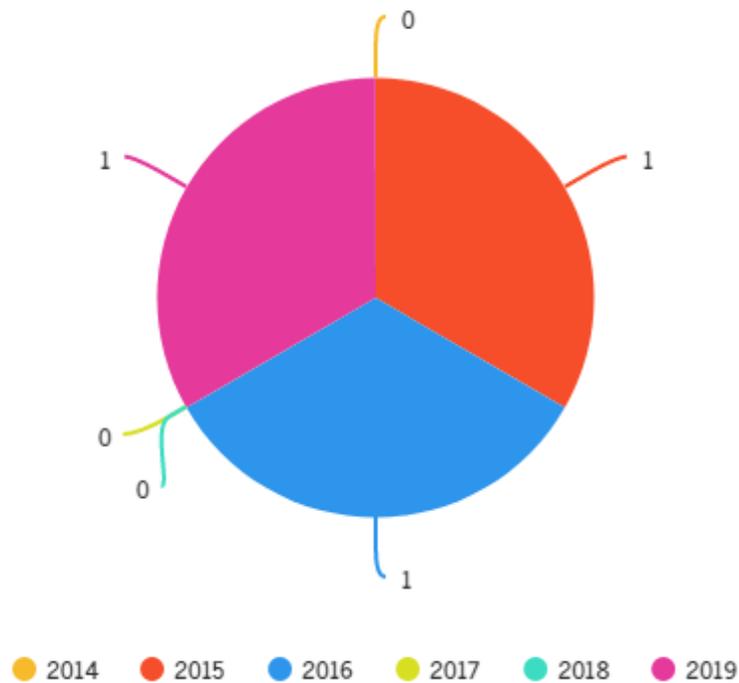
- A o uso de palavras novas deve ser incentivado em detrimento das antigas.
- B a utilização de inovações no léxico é percebida na comparação de gerações.
- C o emprego de palavras com sentidos diferentes caracteriza diversidade geográfica.
- D a pronúncia e o vocabulário são aspectos identificadores da classe social a que pertence o falante.
- E o modo de falar específico de pessoas de diferentes faixas etárias é frequente em todas as regiões.

Fonte: ENEM 2014, caderno amarelo, questão 110, p. 11.

4.4. VARIAÇÃO HISTÓRICA

Por fim, o tipo de variação linguística que menos apareceu ao longo da pesquisa e análise do ENEM entre 2014 e 2019 é a variação histórica (VH), sendo 18,7% das duzentos e quarenta questões analisadas. A variação diacrônica é percebida na alteração da maneira como os falantes se comunicam ao longo dos anos, sendo em frases inteiras ou no uso desuso de palavras. É o caso, por exemplo, de modificações simples como é o caso de “bulhufas” para “nada”, “não entendi bulhufas”. Ainda, cabe dizer que termos e palavras que não serão mais ouvidas e ditas no português moderno, e, sim, palavras e termos menos usados já que se a língua é viva, enquanto houver quem use os tais termos, eles vão ser ouvidos e transferidos de geração em geração e encontrarão com os sinônimos atuais. Embora, no ENEM essa seja uma variação pouco explorada, como é possível notar no gráfico abaixo:

Figura 12: Número de questões sobre VH no ENEM (2014-2019)



Fonte: elaborado pela autora.

Apesar disso, na questão nº. 16 apresentada no caderno amarelo do ENEM de 2019, é discutido o português como uma língua que teve contribuições de outras e que, inevitavelmente, possui referências de outros lugares também, mas que não cabe nesse trabalho aprofundar. No enunciado, o que é discutido é a transmissão de uma língua para outra e os impactos disso, entretanto, essa mesma lógica é adaptada às mudanças históricas que a mesma língua possui e poderá possuir

Figura 13: Questão 16 – ENEM 2019

Questão 16**TEXTO I****Estratos**

Na passagem de uma língua para outra, algo sempre permanece, mesmo que não haja ninguém para se lembrar desse algo. Pois um idioma retém em si mais memórias que os seus falantes e, como uma chapa mineral marcada por camadas de uma história mais antiga do que aquela dos seres vivos, inevitavelmente carrega em si a impressão das eras pelas quais passou. Se as "línguas são arquivos da história", elas carecem de livros de registro e catálogos. Aquilo que contém pode apenas ser consultado em parte, fornecendo ao pesquisador menos os elementos de uma biografia do que um estudo geológico de uma sedimentação realizada em um período sem começo ou sem fim definido.

HELLER-ROAZEN, D. *Ecolalias: sobre o esquecimento das línguas*. Campinas: Unicamp, 2010.

TEXTO II

Na reflexão gramatical dos séculos XVI e XVII, a influência árabe aparece pontualmente, e se reveste sobretudo de item bélico fundamental na atribuição de rudeza aos idiomas português e castelhano por seus respectivos detratores. Parecer com o árabe, assim, é uma acusação de dessemelhança com o latim.

SOUZA, M. P. *Linguística histórica*. Campinas: Unicamp, 2006.

Relacionando-se as ideias dos textos a respeito da história e memória das línguas, quanto à formação da língua portuguesa, constata-se que

- A** a presença de elementos de outras línguas no português foi historicamente avaliada como um índice de riqueza.
- B** o estudioso da língua pode identificar com precisão os elementos deixados por outras línguas na transformação da língua portuguesa.
- C** o português é o resultado da influência de outras línguas no passado e carrega marcas delas em suas múltiplas camadas.
- D** o árabe e o latim estão na formação escolar e na memória dos falantes brasileiros.
- E** a influência de outras línguas no português ocorreu de maneira uniforme ao longo da história.

Fonte: ENEM 2019, caderno amarelo, questão 16, p. 8.

Assim, como na questão, o português moderno é um resultado da influência do português antigo e carrega suas marcas; e é no vocabulário de pessoas de determinada faixa-etária é que essas transformações podem ser melhores e mais bem observadas.

Dando continuidade nas análises, a questão nº. 124 do caderno amarelo do ENEM 2015, faz uma importante pontuação ao considerar que as expressões e palavras que caem em desuso

são usualmente aquelas que são alvo de algum tipo de preconceito sociocultural, constatando assim que, não é apenas um movimento natural da língua usar ou não determinadas palavras. É evidente que por trás das escolhas do que passar para as gerações seguintes há motivações que consideram, principalmente, qual o impacto social que usar determinada vocabulário dará ao falante. Ou seja, o que é tido como “falar feio” por uma sociedade muito provavelmente não será perpetuado.

E essa é uma discussão que envolve até mesmo gírias, só é bonito (ou engraçado) se alguém com maior poder aquisitivo disse que é, se alguém de uns dos pilares sociais disse que pode. E nesse meio tempo só é levado para as próximas gerações poderem analisar nossa variação histórica o que convém a pessoas específicas, e nós só analisamos o que era bom a pessoas específicas.

Figura 14: Questão 124 - ENEM 2015

QUESTÃO 124 ◇◇◇◇◇

Palavras jogadas fora

Quando criança, convivia no interior de São Paulo com o curioso verbo pinchar e ainda o ouço por lá esporadicamente. O sentido da palavra é o de “jogar fora” (pincha fora essa porcaria) ou “mandar embora” (pincha esse fulano daqui). Teria sido uma das muitas palavras que ouvi menos na capital do estado e, por conseguinte, deixei de usar. Quando indago às pessoas se conhecem esse verbo, comumente escuto respostas como “minha avó fala isso”. Aparentemente, para muitos falantes, esse verbo é algo do passado, que deixará de existir tão logo essa geração antiga morrer.

As palavras são, em sua grande maioria, resultados de uma tradição: elas já estavam lá antes de nascermos. “Tradição”, etimologicamente, é o ato de entregar, de passar adiante, de transmitir (sobretudo valores culturais). O rompimento da tradição de uma palavra equivale à sua extinção. A gramática normativa muitas vezes colabora criando preconceitos, mas o fator mais forte que motiva os falantes a extinguirem uma palavra é associar a palavra, influenciados direta ou indiretamente pela visão

normativa, a um grupo que julga não ser o seu. O pinchar, associado ao ambiente rural, onde há pouca escolaridade e refinamento citadino, está fadado à extinção?

É louvável que nos preocupemos com a extinção de ararinhas-azuis ou dos micos-leão-dourados, mas a extinção de uma palavra não promove nenhuma comoção, como não nos comovemos com a extinção de insetos, a não ser dos extraordinariamente belos. Pelo contrário, muitas vezes a extinção das palavras é incentivada.

VIARO, M. E. *Língua Portuguesa*, n. 77, mar. 2012 (adaptado).

A discussão empreendida sobre o (des)uso do verbo "pinchar" nos traz uma reflexão sobre a linguagem e seus usos, a partir da qual compreende-se que

- A as palavras esquecidas pelos falantes devem ser descartadas dos dicionários, conforme sugere o título.
- B o cuidado com espécies animais em extinção é mais urgente do que a preservação de palavras.
- C o abandono de determinados vocábulos está associado a preconceitos socioculturais.
- D as gerações têm a tradição de perpetuar o inventário de uma língua.
- E o mundo contemporâneo exige a inovação do vocabulário das línguas.

Fonte: ENEM 2015, caderno amarelo, questão 124, p. 13.

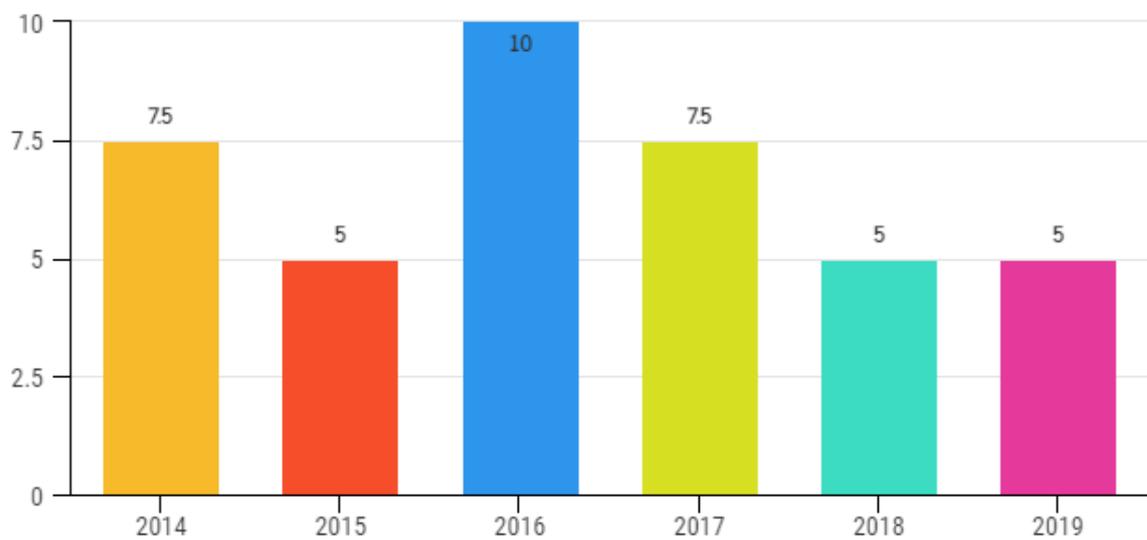
4.5. VARIAÇÃO AO LONGO DA PROVA

A variação linguística no ENEM é bem pouco abordada estatisticamente, em uma prova que possui quarenta questões destinadas a tratar os conteúdos de linguagens e seus códigos, a média de questões que contém variação é de 2,6 perguntas; o que significa que ao longo desses seis anos de provas, o ENEM discutiu a variação linguística apenas 6,6%. Além disso, a pesquisa permitiu chegar à conclusão de que 2016 (ano que pode ser destaque pela expansão do modo de comunicação usada na internet, que contribuiu para que as variações padrão e culta fossem aplicadas em contextos mais formais e as mais aceitas e usadas) foi o ano que mais foi abordada essa temática dentro da prova de linguagens, seguido dos anos 2014 e 2017.

Nos demais anos não há uma diferença expressiva na quantidade de questões sobre o tema, mas existia pelo menos uma questão que discutia a variação linguística. Obviamente ao analisar os dados, em nenhum dos anos foi discutido simultaneamente os quatro tipos de variação linguística apresentadas neste trabalho, mas houve anos em que havia mais de uma questão sobre o mesmo tipo de variação linguística na prova. Considerando tal observação, 2015 e 2018, com variação geográfica e situacional, respectivamente, são os anos em que o ENEM abordou apenas um tipo de variação linguística ao longo da prova de linguagens e códigos.

Nesse mesmo sentido, 2019 foi o ano em que questões que envolviam variação linguística abordavam dois tipos: a histórica e a geográfica. Ou seja, é no ENEM de dois mil e dezenove que concomitantemente são apresentados os dois tipos de variação mais predominantes estatisticamente no ENEM.

Figura 15: Porcentagem de questões sobre variação linguística no ENEM (2014-2019)



Fonte: elaborado pela autora.

Logo, através da pesquisa foi possível identificar que embora não haja uma constância nas questões sobre variação linguística no ENEM, tanto quanto a quantidade de questões e o tipo de variação a ser problematizada, é constante que ao menos 5% das quarenta questões da prova de linguagens e códigos são sobre este tema, como está claro no gráfico acima.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De maneira geral, os objetivos estabelecidos para esta pesquisa foram alcançados. Contudo, é notório que este tema é tratado de uma estatisticamente baixa em todos os anos analisados ao longo do ENEM; além disso, é importante ressaltar que este é, conhecidamente pelo senso comum, o maior exame de seleção para cursos superiores do país, oferecer tão pouco espaço para que questões de variação linguística sejam abordadas e problematizadas pelos estudantes denota o desinteresse pelo o que está fora da norma padrão e culta, além de uma política que exclui os que ao se expressarem transmitem também suas origens e condições econômicas. Logo, todos aqueles estão fora dos padrões estabelecidos do monolinguismo e, por vezes, inalcançável, tendo em vista sua artificialidade e rigidez.

Além disso, a pesquisa não se concentrou nisso, mas pode ser uma referência para o caso de uma análise que seja desde o ENEM velho até o novo, ou somente o ENEM novo ou ENEM velho em que seria possível analisar a variação geográfica ao longo de todo o ENEM e a correlacionar com a extensão geográfica do país; ou analisar somente a variação histórica presente nos textos do ENEM etc. Dessa maneira, incentivando que para além de conhecida por ser um conteúdo escolar ou acadêmico e na constância das questões sobre a temática, como explicitado ao longo do trabalho, está também intimamente relacionada ao valor histórico e cultural da nossa sociedade de uma maneira prática e, muitas vezes, pouco observada.

Portanto, é também importante ressaltar que é papel da escola contribuir para que os alunos saiam dela com a ciência de que apenas uma única maneira de fazer o uso da língua, e, sendo assim, também é um papel fundamental para o maior Exame do Brasil ressaltar e tratar desse conhecimento com afinco anualmente, a fim de que seja menor o nível de preconceito linguístico, especialmente vindo daqueles que têm o privilégio, diante das nossas condições atuais, do estudo e ainda insistem na padronização e elitização língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALFAZ NETO, Daniel Felix de. **O Ensino da Variação Linguística na Escola**. Brasília (DF), 2017. 38 f. Monografia. (Licenciatura em Língua e Literatura Portuguesa) — Universidade de Brasília. Disponível em:

<https://bdm.unb.br/bitstream/10483/18748/1/2017_DanielFelixDeAlfazNeto_tcc.pdf>

Acesso em: 26 maio 2021.

ANDRADE, Gisele Gama. A metodologia do ENEM: uma reflexão. **Série-Estudos**. Campo Grande, n. 33, p. 67-76, jan./jun. 2012. Disponível em: <<https://www.serie-estudos.ucdb.br/serie-estudos/article/view/71>> Acesso em: 26 maio 2021.

ARAÚJO, Aluiza Alves de. VIEIRA, Vinicius da Silva. Aspectos teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista: reflexões e proximidades com a etnografia. **Rev. Sociodialeto**. v. 10, n. 30, p. 139-154, abr. 2020. Disponível em: <<http://sociodialeto.com.br/index.php/sociodialeto/article/view/241> > Acesso em: 26 maio 2021.

ARAÚJO, Leandro Silveira. Dialetoлогия: a Dimensão Espacial da Variação Linguística. **Traços de Linguagem**, Cáceres, v. 4, n.1, p. 50-60, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.unemat.br/index.php/tracos/article/view/4593>> Acesso em: 26 maio 2021.

BAGNO, Marcos. *A Língua de Eulália*. São Paulo: Contexto, 1997.

BARROS, Adriana Lúcia de Escobar Chaves de. NERES, Raquel Ramos. Breve estudo sobre os principais conceitos da sociolinguística. **Rev. Philologus**, ano 23, n. 67 Supl.: Anais do IXI SINEFIL. Rio de Janeiro: CiFEFiL, jan./abr.2017. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/rph/ANO23/67supl/022.pdf> > Acesso em: 26 maio 2021.

BARROS, Maria Aline da Silva. CAMPOS, Albaneide de Souza. A contribuição da sociolinguística para a formação do professor de português. **Anais VI Congresso Nacional de Educação**. Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/58139> > Acesso em: 26 maio 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BERNARDI, Lucí T.M. dos Santos. HOLLAS, Justiani. **O Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e as competências para uma Educação Estatística Crítica**. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ensaio/a/ckN7LVwxgnHZ8s5hx9y3kbM/?lang=pt> > Acesso em 26 maio 2021.

BOAVENTURA, Bárbara Carolina Vanderley. **Variação linguística no ensino médio: revisitando o livro didático de língua portuguesa**. Brasília (DF), 2015. 56 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras Português) — Universidade de Brasília. Disponível em: <<https://bdm.unb.br/handle/10483/22953>> Acesso em: 26 maio 2021.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: MEC/SEB, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf> Acesso em: 06 jun. 2021

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Matriz de Referência para o ENEM**. Brasília: INEP/MEC.

CARVALHO, Leticia. Enem 2017 tem o menor número de inscritos confirmados desde 2013. **G1**. 30 maio de 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/enem/2017/noticia/enem-2017-teve-pelo-menos-61-milhoes-de-inscricoes-confirmadas.ghtml>> Acesso em: 26 maio 2021.

CASTRO, Maria Helena Guimarães de. TIEZZI, Sergio. **A reforma do ensino médio e a implantação do Enem no Brasil**. Disponível em: <<http://www.schwartzman.org.br/simon/desafios/4ensinomedio.pdf>> Acesso em: 26 maio 2021.

COELHO, Izete Lehmkuhl. GÖRSKI, Edair Maria. Variação linguística e ensino de gramática. **Work. pap. linguíst.**, v. 10, n. 1, p. 73-91, Florianópolis, jan. /jun., 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2009v10n1p73>> Acesso em: 26 maio 2021.

COSTA, I., REIS, M., SOBRINHO, A. **Suricate Seboso e comunidade virtual: regionalismo discursivo e humor em memes para redes sociais on-line**. Brasília. 2017. Disponível em: <<https://www.cienciasaude.uniceub.br/pic/article/view/5570>> Acesso em: 10 jun. 2021.

COSTA, Sandra Diniz. SILVA, Dagmar Pereira da. **Variações linguísticas e sua influência social: análise do livro “A Língua de Eulália”, de Marcos Bagno**. Disponível em: <<http://repositorio.fucamp.com.br/jspui/handle/FUCAMP/217>> Acesso em: 26 maio 2021.

CYRANKA, Lucia Furtado de Mendonça. **A pedagogia da variação linguística é possível?** In: PINTO, Vera Maria Ramos. RIBEIRO, Thiago Leonardo. A Sociolinguística Educacional na formação do professor: crenças e atitudes linguísticas de acadêmicos de Letras. **Rev. A cor das letras**, Feira de Santana, v. 19, n. 2, p. 97-116, 2018. Disponível em: <<http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/issue/view/106>> Acesso em: 26 maio 2021.

Enem 2015 terá 7,7 milhões de candidatos, 11% a menos que em 2014. **G1**. São Paulo, 31 julho de 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/enem/2015/noticia/2015/07/enem-2015-tera-77-milhoes-de-candidatos-11-menos-que-em-2014.html#:~:text=Enem%202015%20ter%C3%A1%207%2C,em%202014%20%7C%20Enem%202015%20%7C%20G1>> Acesso em: 26 maio 2021.

Enem 2016 tem 9,2 milhões de inscritos; boleto vence dia 25. **G1**. 23 de maio 2016. Educação. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/enem/2016/noticia/enem-2016-tem-92-milhoes-de-inscritos.ghtml>> acesso em: 26 maio 2021.

Enem 2018 tem 5,5 milhões de inscrições confirmadas, menor número desde 2011. **G1**. 29 maio 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/enem/2018/noticia/enem-2018-tem-55-milhoes-de-inscricoes-confirmadas.ghtml>> Acesso em: 26 maio 2021.

ETTO, Rodrigo Mazer. CARLOS, Valeska Gracioso. Sociolinguística: o papel do social na língua. **Mosaico**, v. 16, n. 1, p. 719-737, 2017. Disponível em: <<http://www.olhodagua.ibilce.unesp.br/index.php/revistamosaico/article/view/444>> Acesso em: 26 maio 2021.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Sociolinguística no/do brasil. **Cadernos de estudos linguísticos**, Campinas, v. 58, n. 3, p. 445-460, set./dez. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8647170>> Acessos em: 26 maio 2021.

GUY, Gregory. Identidade lingüística da comunidade de fala: paralelismo interdialeto nos padrões de variação lingüística. **Estudos da língua falada**. v. 14, n. 13-14, p. 18-32, 2000. Disponível em: < <https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/30194> > Acesso em: 26 maio 2021.

HABEL, Jussara Maria. Uma breve retrospectiva de estudos em sociolinguística no Brasil: 2006 – 2016. **Rev. sociodialeto**. v. 7, n. 20, p. 503-519, fev./nov. 2017. Disponível em: < <http://sociodialeto.com.br/index.php/sociodialeto/article/view/29> > Acesso em: 26 maio 2021.

Inscritos para o Enem 2014 somam mais de 9,5 milhões, anuncia governo. **G1**. São Paulo, 24 maio de 2014. Disponível em: < [http://g1.globo.com/educacao/enem/2014/noticia/2014/05/inscritos-para-o-enem-2014-somam-mais-de-95-milhoes-anuncia-governo.html#:~:text=O%20ministro%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Henrique,Ensino%20M%C3%A9dio%20\(Enem\)%202014.](http://g1.globo.com/educacao/enem/2014/noticia/2014/05/inscritos-para-o-enem-2014-somam-mais-de-95-milhoes-anuncia-governo.html#:~:text=O%20ministro%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Henrique,Ensino%20M%C3%A9dio%20(Enem)%202014.) > Acesso em: 26 maio 2021.

LABOV, William. Sociolinguística: uma entrevista com William Labov. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL**. v. 5, n. 9, p. 1-3, (agosto) 2007. Tradução de Gabriel de Ávila Othero. ISSN 1678-8931. Disponível em: < http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel_9_entrevista_labov.pdf > Acesso em: 26 maio 2021.

LUCCHESI, Dante. A periodização da história sociolinguística do Brasil. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**. v. 33, n. 2, p. 347-382, 2017. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/0102-445067529349614964> > Acesso em: 26 maio 2021.

LUCCHESI, Dante. As duas grandes vertentes da história da sociolinguística do Brasil (1500-2000). **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**. v. 17, n. 1, p. 97-130, 2001. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/S0102-44502001000100005> > Acesso em: 26 maio 2021.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

NEVES, Maria do Bom Parto das. SANTANA, Jessé Ovídio de. As variações linguísticas e suas implicações na prática docente. **Millenium**, v. 48, p. 75-93, jan./jun. 2015. Disponível em: < <https://revistas.rcaap.pt/millenium/article/view/8096> > Acesso em: 26 maio 2021.

NOBREGA, Daniela Gomes de Araújo. **Pragmática e sociolinguística interacional: contribuições para a formação de professor em línguas materna e estrangeiras**. Disponível em: < <http://books.scielo.org/id/qbsd6/pdf/souza-9788578793470-05.pdf> > Acesso em: 26 maio 2021.

OLIVEIRA, Thiago Soares. O ENEM: breves considerações sobre importância avaliativa e reforma educacional. **Educação por escrito**, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 278-288, jul./dez. 2016. Disponível em: < <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/poescrito/article/view/23995> > Acesso em: 26 maio 2021.

PAULISTA, Maria Lucia Loureiro. Variação linguística: primórdios, conceitos e metodologia. **Rev. Ecos**, v. 21, n. 2, p. 157-177, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/issue/view/160>> Acesso em: 26 maio 2021.

PINTO, Vera Maria Ramos. RIBEIRO, Thiago Leonardo. A Sociolinguística Educacional na formação do professor: crenças e atitudes linguísticas de acadêmicos de Letras. **Rev. A cor das letras**, Feira de Santana, v. 19, n. 2, p. 97-116, 2018. Disponível em: <<http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasleytras/issue/view/106>> Acesso em: 26 maio 2021.

PRIMI, Ricardo et al. Competências e habilidades cognitivas: diferentes definições dos mesmos construtos. **Psicologia: teoria e pesquisa**. v. 17, n. 2, p. 151-159, mai./ago. 2001. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/ptp/a/b5tz5SshXNLmnLjRRRKZknN/?lang=pt#> > Acesso em: 26 maio 2021.

PRIMI, Ricardo. TRAVITZKI, Rodrigo. **Análise da estrutura interna do ENEM com foco em Ciências Naturais**. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Rodrigo-Travitzki2/publication/337444408_Analise_da_estrutura_interna_do_ENEM_com_foco_em_Ciencias_Naturais/links/5efa023b92851c52d606c101/Analise-da-estrutura-interna-do-ENEM-com-foco-em-Ciencias-Naturais.pdf> Acesso em: 26 maio 2021.

Resultado do Enem 2019 é divulgado pelo Inep; saiba como consultar a nota. **G1**. 17 janeiro. 2020. Disponível em: < <https://g1.globo.com/educacao/enem/2019/noticia/2020/01/17/notas-do-enem-2019-sao-divulgadas-pelo-inep.ghtml> > Acesso em: 26 maio 2021.

ROCHA, Ana Angelita da. RAVALLEC, Carmem Teresa Gabriel Le. Enem nos documentos: uma leitura pós-fundacional da reestruturação do exame em 2009. **Rev. e-Curriculum**. v. 12, n. 3, p. 1993-2018, out./dez. 2014. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/21677>> Acesso em: 26 maio 2021.

SANTOS, Janete S. dos. Letramento, variação linguística e ensino de português. **Linguagem em (Dis)curso**, [S.l.], v. 5, n. 1, p. 119-134, set. 2010. ISSN 1982-4017. Disponível em: < http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/304 >. Acesso em: 26 maio 2021.

SANTOS, Micaelly Barbosa dos. **A sociolinguística em foco: jogando com a variação linguística**. Cajazeiras, 2019, f. 52. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa) – Universidade Federal de Campina Grande. Disponível em: <<http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/bitstream/riufcg/11890/1/MICAELLY%20BARBOSA%20DOS%20SANTOS.%20TCC.%20LICENCIATURA%20EM%20LETRAS%20-%20L%C3%8DNGUA%20PORTUGUESA.%202019.pdf>> Acesso em: 26 maio 2021.

SARINHO JUNIOR, José Maria de Aguiar. OLIVEIRA, Lúcia Halline Moraes. As variações linguísticas nas provas de linguagens do ENEM: um estudo diacrônico. **Rev. Fafire**. v. 12, n. 1, p. 47-60, Recife, jan./jun., 2019. Disponível em: <https://publicacoes.fafire.br/diretorio/revistaFafire/revistaFafire_v12n01_a04.pdf > Acesso em: 26 maio 2020.

SAUSSURE, F. Curso de linguística geral. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, Juliana. A variação na concordância verbal na língua falada no sertão do Pajeú. Recife, 2019, f. 134. Dissertação (Pós-graduação em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em:

<https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/34424/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20Juliana%20da%20Silva.pdf> Acesso em: 26 maio 2020.

SILVEIRO, Allan Cordeiro da. A sociolinguística como uma corrente teórico- metodológica da linguística: um viés histórico. **Traços de Linguagem**, Cáceres, v. 4, n. 1, p. 09-23, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.unemat.br/index.php/tracos/article/view/4627>> Acesso em: 26 maio 2021.

TRAVITZKI, Rodrigo. **ENEM**: limites e possibilidades do Exame Nacional do Ensino Médio enquanto indicador de qualidade escolar. São Paulo, 2013, f. 322. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-28062013-162014/pt-br.php>> Acesso em: 26 maio 2021.